

Ano 10, Vol XIX, Número 1, Jan-Jun, 2017, Pág. 200-220.

## MULTICULTURALIDADE, IDENTIDADE E LINGUAGEM EM RONDÔNIA

Nair Ferreira Gurgel do Amaral

**RESUMO:** O presente estudo trata da diversidade cultural e tem como objetivo principal possibilitar o entendimento da multiculturalidade vivenciada no mundo contemporâneo e mais especificamente no estado de Rondônia/Brasil. Discute-se, também, a interrelação entre cultura, sociedade e linguagem, apresentando aspectos que evidenciam a necessária convivência em uma sociedade democrática para a composição de uma totalidade social heterogênea. As mudanças evidentes, ocorridas na contemporaneidade, são constantes e rápidas, contribuindo para a fragmentação do sujeito e a consequente constituição de novas identidades. Mostramos como o fenômeno da interculturalidade realça o hibridismo cultural e relembramos aspectos dos processos migratórios durante a formação do estado de Rondônia, na Amazônia Brasileira.

**Palavras-Chave:** Multiculturalidade. Linguagem. Identidades. Amazônia/Rondônia.

**ABSTRACT:** This study deals with cultural diversity and its main objective is to understand the multiculturalism experienced in the contemporary world and more specifically in the state of Rondônia / Brazil. It also discusses the interrelationship between culture, society and language, presenting aspects that demonstrate the necessary coexistence in a democratic society for the composition of a heterogeneous social totality. The evident changes occurring contemporaneously are constant and rapid, contributing to the fragmentation of the subject and the consequent constitution of new identities. We show how the phenomenon of interculturalism emphasizes cultural hybridity and recall aspects of migration processes during the formation of the state of Rondônia, in the Brazilian Amazon.

**Keywords:** Multiculturalism. Language. Identities. Amazonia / Rondônia.

### Introdução

O presente estudo trata da diversidade cultural no estado de Rondônia (Amazônia brasileira) e tem como objetivo principal possibilitar o entendimento da multiculturalidade vivenciada no mundo contemporâneo e mais especificamente no estado de Rondônia/Brasil. Discute-se, também, a interrelação entre cultura, sociedade e linguagem, apresentando aspectos que evidenciam a necessária convivência em uma sociedade democrática para a composição de uma totalidade social heterogênea.

A realidade multicultural suscita novas questões para a sociedade como um todo que não podem ser ignoradas ou minimizadas. É a interação de culturas que se fundem em um sistema marcado pela efervescência das questões trazidas pelas diferenças de gênero, de raça, de classe social, de orientação sexual, de origens. Diferenças que até bem pouco tempo ficaram ocultadas pela força do discurso sobre igualdade.

A diversidade cultural, vista como um fenômeno de nosso tempo, traz uma série de questionamentos e desafios, tais como o respeito à diferença, à diversidade cultural e, claro, ao redimensionamento das práticas educativas, a fim de se adequar às recentes

demandas por uma escola mais democrática e inclusiva. Poderíamos dizer que a multiculturalidade e a reivindicação pela diferença trazem o apelo do reconhecimento e da garantia de direitos de diversas identidades, tais como o negro, o indígena, o ribeirinho, o quilombola, o caboclo, o nordestino, o estrangeiro... E mais: a mulher, o homossexual, o jovem, enfim, o excluído.

Quanto ao respeito às diferenças, fica claro que todos, mas principalmente os educadores têm um grande desafio: articular igualdades e diferenças à pluralidade social e cultural. É fundamental estudar o multiculturalismo para encorajar estudantes e educadores a serem capazes de articular interesses comuns e gerais que acabem com uma visão egoísta de superioridade cultural.

Por tudo isso é que pensamos ser necessário e relevante um estudo a respeito da diversidade cultural na Amazônia, mostrando suas identidades, construídas via processos de interculturalidade ou hibridismo cultural.

Darão apoio teórico a este trabalho: Tylor (1871) e Homi Bhabha (1998) com a concepção de cultura, Néstor Garcia Canclini (2008) com os estudos sobre hibridismo cultural, Stuart Hall (2003) sobre identidades e João de Jesus Paes Loureiro (1995) sobre cultura Amazônica.

Conhecer a Amazônia é, portanto, misturar-se ao real e ao imaginário, ao misterioso e ao fantástico, visto a exuberância diferenciada de tal paisagem, como se estivesse diante do mundo. Tal fato propiciou a dualidade paradoxal dessa região: “paraíso tropical” e “inferno verde”. Os que para cá vieram misturaram-se aos que já aqui moravam, reforçando a concepção de hibridismo cultural em Canclini (2008) como um processo em constante transformação, diferente da visão tradicional e patrimonialista, adotando uma postura de mobilidade, já que todas as culturas possuem formas próprias de organização e características que lhes são intrínsecas. Embora possam nos parecer estranhas, devem ser respeitadas, pois, assim, naturaliza-se a cultura humana.

### **Uma abordagem conceitual**

Faz-se necessária, portanto, uma abordagem conceitual, antes de adentrar aos fatos propriamente ditos. Queremos, antes de tudo, deixar clara nossa concepção de cultura a fim de que não haja equívoco em relação à postura adotada. Ficamos com

Tylor (1871) quando definiu o termo cultura como “o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (TYLOR, 1871, p. 3). Dessa forma, exclui-se a ideia de que cultura refere-se à escolaridade, desenvolvimento econômico ou social, presentes no senso comum. Tylor definiu Cultura como a expressão da totalidade da vida social do homem, caracterizada pela sua dimensão coletiva, adquirida em grande parte inconscientemente e independente da hereditariedade biológica.

Além disso, sabemos que toda cultura muda, evolui. Clifford Geertz (1989) diz em seus estudos sobre Antropologia Interpretativa que “a cultura nunca é igual, é sempre uma recriação” (p. 9). O autor, com base nos estudos de Max Weber, esclarece que assume a cultura como uma teia de significados e a sua análise. Claro, local onde os homens se enredam, já que as teias foram construídas por eles próprios. Assim, defendendo um conceito de cultura essencialmente semiótico, Geertz adota uma descrição etnográfica e interpretativa que assume caráter microscópico, ou seja, para falar sobre cultura é preciso emaranhar-se nela ou, nas palavras do autor, “os antropólogos não estudam as aldeias, eles estudam nas aldeias” (p. 10).

Os estudos de Geertz contribuem no sentido de entender as culturas com todas as suas emoções, já que a sociedade é construída por sujeitos que são colocados juntos e necessitamos trabalhar essa educação sentimental.

Para reforçar e ampliar os conceitos de Geertz, trazemos Homi Bhaba (1998) e sua fala mais importante: “Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (p. 65). Depreende-se desta afirmação que “cultura não é algo parado, cultura anda, cultura avança”, conforme diz Almir Suruí em seu site<sup>1</sup>.

Em *O local da cultura*, o pensador indo-britânico defende, inclusive, a utilização do conceito de “diferença cultural”, no lugar de “diversidade cultural”, reafirmando, assim, o espaço do hibridismo cultural, o entre-lugar. Bhabha defende um novo conceito de cultura, considerado enquanto “verbo” e não mais como “substantivo”, híbrido, dinâmico, transnacional– gerando o trânsito de experiências entre nações - e tradutório– criando novos significados para símbolos culturais. Assim, o hibridismo vem enfatizar

---

<sup>1</sup> <[www.almirsurui.com.br](http://www.almirsurui.com.br)>

que “culturas são construções e as tradições, invenções” (p. 126), e que, quando em contato, criam novas construções desterritorializadas. Para o autor, enquanto o conceito de diversidade cultural conduz, essencialmente, a uma discussão filosófica, a ideia de diferença cultural remete à enunciação da cultura, isto é, a um processo através do qual se produzem afirmações a respeito da cultura, que fundam e geram diferenças e discriminações.

O hibridismo cultural constiu-se em "processos socio-culturais nos quais estruturas ou práticas culturais, que existem de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI<sup>2</sup>, 2008, p. 308), podendo ser explicado pela quebra e mescla das diferentes expressões que organizam os sistemas culturais, não sendo mais papel do culto ou do massivo produzir determinadas culturas. A hibridação é, portanto, a produção de fenômenos que “contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social” (p. 69). Pode incluir a mestiçagem – racial ou étnica –, o sincretismo religioso e outras formas de fusão de culturas, como a fusão musical. Canclini identifica, nos países latino-americanos, o entrecruzamento de diferentes tempos históricos que coexistem num mesmo presente de forma desarticulada, fenômeno que designou como “heterogeneidade multitemporal” (2008, p.72).

A mistura e a mestiçagem são elementos importantes para o florescimento de nossa cultura e identidade. A mistura é uma “condição” brasileira – e logo estendida em todas as direções da vida social. Esse hibridismo faz parte de nossas raízes, assim como o caráter misto faz parte da “brasilidade” e essa característica adentra não somente a cultura, mas a política, a religião, as relações sociais, etc. A proliferação de fronteiras nas sociedades contemporâneas implica, às vezes, na dificuldade de assumir a interculturalidade. Quer dizer, aceitar que a sociedade em que vivemos se modifica pela presença de outros modos de vida, outras religiões, outras línguas.

Historicamente, sempre ocorreu hibridação, na medida em que há contato entre culturas e uma toma emprestados elementos das outras. No mundo contemporâneo, o incremento de viagens, de relações entre as culturas e as indústrias audiovisuais, as

---

<sup>2</sup> Néstor García Canclini é um antropólogo argentino contemporâneo. O foco de seu trabalho é a pós-modernidade e a cultura a partir de ponto de vista latino-americano.

migrações e outros processos fomentam o maior acesso de certas culturas aos repertórios de outras.

Fala-se muito, nos últimos anos, de “choque” entre as culturas. Em todo esse contexto vemos que os processos de hibridação são uma das modalidades de interculturalidade, mas a noção de interculturalidade é mais abrangente, inclui outras relações entre as culturas, intercâmbios às vezes conflitivos.

Sendo a humanidade reflexo de suas inter-relações, entende-se a Multiculturalidade como a existência de diversas culturas, distintas entre si, num espaço físico (localidade, cidade ou país), sem que qualquer delas se sobreponha às demais e a Interculturalidade como trocas, partilhas, interações culturais, de hábitos e costumes que se verificam entre indivíduos de culturas diferentes. Isso é diferente de Multiculturalidade, visto que este termo “indica apenas a coexistência de diversos grupos culturais na mesma sociedade sem apontar para um política de convivência.” (FLEURI, 2005).

Sendo assim, a hibridação seria o termo adequado para traduzir os processos derivados da interculturalidade; não só as fusões raciais comumente denominadas de mestiçagem ou o sincretismo religioso, mas também o artesanato e os produtos industrializados, o escrito e o visual.

É por isso que afirmamos serem as formas alternativas de vida do Outro, de nosso interesse, ainda que não vivamos essas formas. O respeito pelo Outro, não admite força, violência ou dominação; admite sim o diálogo, o reconhecimento e a negociação das diferenças.

Para falar a respeito de identidade(s), trazemos Zygmunt Bauman (2012) que questiona a dissolução dos pontos de referência e estabilidade característicos da modernidade sólida que asseguravam certo direcionamento para a construção individual da vida. O referido autor diz que há uma “busca frenética por identidade que não deixa nenhuma margem para a construção de uma vida coletiva [...] a liberdade consumidora que proporciona aos indivíduos líquidos o sonho de uma vida feliz que nunca chegará”. Por isso, utiliza o termo “líquido”, referindo-se à inconstância dos conceitos no mundo contemporâneo. Os fluidos, como se sabe, não possuem forma. Eles se adaptam ao recipiente e mudam a todo instante. As constantes transformações da vida social não são

mais uma escolha, mas um fato. Tudo é mutante, inconstante, transitório, ou, como prefere Bauman, líquido.

Como, então, falar de identidade única, petrificada? Novas concepções têm propiciados reflexões a respeito desse fenômeno e, por isso, adotamos, aqui, o termo pluralizado: Identidades. Além disso, é bom saber que a identidade é definida historicamente, e não biologicamente e que a “diferença genética — o último refúgio das ideologias racistas — não pode ser usada para distinguir um povo do outro [...] A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica” (HALL, 2003, p. 85). Não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais.

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque — contrariamente à crença generalizada — a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica.

As mudanças evidentes, ocorridas na contemporaneidade, denominadas por alguns estudiosos como Pós-Modernidade, são constantes e rápidas. A fragmentação do sujeito pós-moderno é explicada pelo declínio das velhas identidades que deram lugar às novas formas de entender as identidades atuais. Sobre isso, reportamo-nos ao que disse Hall (2003, p. 87): “É improvável que elas sejam outra vez unitárias ou ‘puras’. As tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade”. Assim, as transformações funcionam inclusive para impedir que a tradição se dissolva e seja vista, agora, como uma ‘tradução’.

Vejamos como ocorreu esse fenômeno no estado de Rondônia, lembrando alguns aspectos de sua colonização e formação através dos processos migratórios.

### **As Amazônias e suas identidades: movimentos migratórios no estado de Rondônia**

Sabemos que as fronteiras amazônicas são da ordem do simbólico, do discursivo e da diversidade étnica de sua gente, suas línguas diversificadas e suas representações culturais. A complexidade das fronteiras amazônicas envolve a convivência da pluralidade cultural, com um passado marcado por uma exploração colonizadora que deixou marcas profundas em seu território e em seu povo. Sua cultura traz a riqueza de símbolos, de complexas relações com a natureza, tendo um povo que possui em sua constituição cultural a predominância do índio e como consequência da colonização, a

presença maciça dos caboclos, que é a mestiçagem entre índios e brancos. Além do caboclo na região amazônica, que marca a origem da cultura amazônica, há também a forte presença dos nordestinos que vieram para nossa região principalmente na época da borracha.

Rondônia é um dos 27 estados do Brasil e está localizado na Região Norte. Sua capital é a cidade de Porto Velho e possui 52 municípios, sendo considerado um estado relativamente novo, pois foi criado em 1982.

Podemos dizer que a ocupação humana da área geográfica que constituiu hoje o Estado de Rondônia aconteceu por “ciclos” ou “fluxos”, responsáveis pelo processo de povoamento e desenvolvimento da região. De qualquer forma, esses movimentos migratórios foram responsáveis pela economia e pela formação étnica dos habitantes do estado.

A partir da segunda metade do século XVIII, acontece o movimento que os historiadores costumam denominar de **I Ciclo do Ouro**. O acontecimento mais relevante desse período foi a construção do Real Forte Príncipe da Beira que tinha como um dos seus objetivos a defesa dos interesses de Portugal contra a cobiça espanhola. A ocupação se realizou pela presença militar o que pode ser comprovado pelas inúmeras construções fortificadas.

A mão de obra especializada: pedreiros, carpinteiros e artífices diversos foram trazidos do Rio de Janeiro e de Belém do Pará. “Mais de duzentos homens trabalharam nessa obra e dizem que um efetivo de mil escravos auxiliou a sua construção, além de centenas de índios, cujo término somente ocorreu seis anos após, em agosto de 1783”. (MATIAS, 1997, p. 26)

Com o declínio do “Ciclo do Ouro,” o Real Forte Príncipe da Beira deixou de ter valor estratégico e causou a *involução populacional* desses arraiais, vilas e cidades surgidas na época do ouro, com o *êxodo dos portugueses e paulistas* que formavam o topo da sociedade da época. Com a decadência da mineração, a região foi abandonada por um período aproximado de 100 anos. Restaram os negros remanescentes do escravismo, os mulatos e os índios já aculturados.

No século XIX, inicia-se o **I Ciclo da Borracha** e a primeira fase da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, concluída no começo do século XX. Com o Tratado de Petrópolis, deu início a construção da ferrovia Madeira-Mamoré como

consequência de solução para o conflito do Acre, firmado pelo governo brasileiro e boliviano em 17 de novembro de 1903.

Em 1907, houve o reinício das obras da ferrovia, na segunda fase da construção da estrada de ferro com a recuperação do que sobrara. Com 360 quilômetros, desde a região onde hoje é Porto Velho até onde veio situar-se a atual Guajará-Mirim, transpondo o trecho encachoeirado e não navegável do Rio Madeira, a obra estava voltada para o escoamento da borracha, produto que perdeu valor no mercado internacional no mesmo período em que a ferrovia começou a funcionar, ou apenas alguns anos depois.

A construção custou o sacrifício de milhares de trabalhadores de diversas nacionalidades, que enfrentaram grandes dificuldades devido às condições sanitárias da região, propícia a doenças entre as quais se destacava a malária ou impaludismo, como se chamava na época. Várias nacionalidades se fizeram representar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, “recriando na Amazônia o mito bíblico de uma nova babel do imperialismo”. (TEIXEIRA & FONSECA, 2001, p. 140)

Em “A Ferrovia do Diabo”, de Manoel Rodrigues Ferreira (1987), é relatada a predominância dos barbadianos sobre as demais nacionalidades.

Em 1909, a estrada foi inaugurada até o km 152. Em 1912, finalmente, chega ao km 364, região de Guajará-Mirim. Foi finalmente inaugurada em 01 de agosto de 1912. Em 1913, por decisão do governo do estado do Amazonas, criava-se a vila de Porto Velho e no dia 02 de outubro de 1914, foi criado o município.

Nesta fase de imigrações instalaram-se em terras rondonienses, notadamente nos núcleos urbanos de Porto Velho, Jacy-Paraná, Mutum-Paraná, Abunã, Guajará-Mirim e Costa Marques, imigrantes turcos, sírios, judeus, gregos, libaneses, italianos, bolivianos, indianos, cubanos, panamenhos, porto-riquenhos, italianos, barbadianos, tobaguenses, jamaicanos e bolivianos. A migração ocorreu com a fixação de nordestinos procedentes dos estados do Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba, além de amazonenses, paraenses e matogrossenses.

A Madeira-Mamoré atraiu vários contingentes imigratórios destinados ao trabalho nas obras da ferrovia. Trabalharam em suas obras aproximadamente 22.000 operários de diversas nacionalidades.

A necessidade permanente de contratação de trabalhadores levou os

empreendedores a buscar mão de obra tanto no Brasil, quanto em diversos países do exterior, num total de mais de 40 nacionalidades. Um dos contingentes mais notáveis foi o dos operários negros caribenhos, denominados genericamente de barbadianos, que já haviam trabalhado em outro empreendimento marcado por grandes adversidades e pela insalubridade típica das regiões tropicais da América, o Canal do Panamá.

Com a crise da borracha, agravada na região principalmente a partir de 1914/1915, a EFMM entrou em permanente decadência e foi abandonada pelos norte-americanos em 1930.

O **Fluxo do Telégrafo**, ao contrário dos anteriores, cuja ação se inscreveu no Norte e no Nordeste do Estado, ocorreu em um longo trecho no sentido Sul-Norte, deixando em sua esteira as raízes do que hoje são os municípios de Vilhena, Pimenta Bueno e Ji-Paraná. A homenagem a Rondon foi feita quando houve a troca do nome do Território do Guaporé para Rondônia e a sua manutenção quando da criação do Estado.

No período telegráfico, as estações da Comissão Rondon funcionavam como receptoras de uma ocupação humana rural-rural, procedente do Mato Grosso, destinada à pecuária, formando grandes latifúndios onde funcionavam antigos seringais.

As estações telegráficas da Comissão Rondon atraíram, principalmente, matogrossenses, paulistas e nordestinos, que trabalhavam nos serviços de telegrafia, e acomodavam-se em suas cercanias gerando pequenos núcleos urbanos, como Ariquemes, Presidente Pena ou Urupá, Pimenta Bueno e Vilhena.

Cabe aqui um parêntese a fim de incluir nos movimentos de povoação de Rondônia um fato não comentado nos livros de história, porém relatado no livro de Amizael Gomes da Silva “Da Chibata ao Inferno” (2001). O autor nos conta que houve uma significativa inclusão de “migrantes” no período que se mistura com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e a implantação das linhas telegráficas, sob o comando de Rondon.

Os motivos principais da Revolta de Marinheiros na Bahia da Guanabara, liderados por João Cândido – o “Almirante Negro” eram simples: o descontentamento com os baixos soldos, a alimentação de má qualidade e, principalmente, os humilhantes castigos corporais, ainda existentes aos praças de nossa Marinha. Resquícios da extinta escravidão, talvez, como forma de disciplina a bordo.

Em dezembro de 1910, uma nova rebelião eclodiu na baía de Guanabara, desta vez envolvendo soldados do Batalhão Naval da Ilha das Cobras. Esse foi exatamente o pretexto: O governo reagiu e prendeu centenas de pessoas, entre elas João Cândido e outros marinheiros anistiados que haviam participado da Revolta da Chibata. O “Almirante Negro” e outros líderes foram encarcerados na Ilha das Cobras. Os demais foram condenados a um terrível castigo: o degredo na Amazônia, para trabalharem na Comissão Rondon e na estrada de ferro Madeira-Mamoré.

Em 25 de dezembro de 1910, esses degredados foram embarcados no navio cargueiro “Satélite”, que partiu do Rio de Janeiro no mesmo dia. A bordo estavam cento e cinco ex-marinheiros, duzentos e noventa e oito criminosos comuns e quarenta e quatro prostitutas, confinados em seus porões. Todos com o mesmo e cruel destino: serem abandonados em Porto Velho. Duzentos homens seriam entregues à Comissão Rondon e o restante à Madeira-Mamoré. Alguns prisioneiros, entretanto, não resistiram ou foram eliminados na viagem

A viagem do navio “Satélite”, suas razões políticas e raciais, e o destino final de sua carga, servem para dar uma pequena ideia de como era feito o povoamento da região do Alto Madeira, na primeira metade do século XX, e as perversas condições de trabalho nas obras da ferrovia Madeira-Mamoré, na Comissão Rondon e nos seringais.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o Japão, aliado da Alemanha e da Itália (países do Eixo), conquista e ocupa o Sudeste Asiático, área que se tornara grande produtora de borracha, a partir de plantações feitas pelos ingleses com sementes subtraídas da Amazônia brasileira no final do século anterior. O fato é que a partir do bloqueio japonês os aliados como grandes consumidores ficam sem esse importante produto para as suas indústrias e esforço de guerra.

Os Estados Unidos, então, voltam-se para a borracha brasileira como solução ao grave problema que se figurava. Inicia-se o **II Ciclo da Borracha**. Dessa situação resulta que o presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt e o presidente do Brasil Getúlio Dorneles Vargas assinaram o Acordo de Washington (1942), pelo qual o Brasil comprometia-se a reativar os seringais amazônicos através de uma operação conjunta com os EUA.

Como os seringais estavam abandonados e não mais de 35 mil trabalhadores permaneciam na região, o grande desafio de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil,

era aumentar a produção anual de látex de 18 mil para 45 mil toneladas, como previa o acordo. Para isso, seria necessária a força braçal de 100 mil homens. Milhares de brasileiros do Nordeste foram enviados para os seringais amazônicos, em nome da luta contra o nazismo. Uma história de imensos sacrifícios para milhares de trabalhadores que vieram para a Amazônia e que, em função do estado de guerra, receberam inicialmente um tratamento semelhante ao dos soldados, eram os **soldados da borracha**.

Mesmo com todos os problemas enfrentados (ou provocados) pelos órgãos encarregados da batalha da borracha, cerca de 60 mil pessoas foram enviadas para os seringais amazônicos entre 1942 e 1945. Desse total, quase a metade acabou morrendo em razão das péssimas condições de transporte, alojamento e alimentação durante a viagem e a falta de assistência. Tão logo a Guerra Mundial chegou ao fim, os EUA se apressaram em cancelar todos os acordos referentes à **produção de borracha amazônica**.

Com o término da Guerra em 1945, foram liberadas as plantações de borracha da região asiática, cessando o interesse norte-americano pela borracha produzida na Amazônia. O fato é que milhares de trabalhadores de várias regiões do Brasil foram compulsoriamente levados à escravidão por dívida e à morte por doenças para as quais não possuíam imunidade. Só do Nordeste foram para a Amazônia 54 mil trabalhadores, sendo 30 mil deles apenas do Ceará. Esses novos seringueiros receberam a alcunha de Soldados da Borracha, numa alusão clara de que o papel do seringueiro em suprir as fábricas nos EUA com borracha era tão importante quanto o de combater o regime nazista com armas.

A partir do ano de 1958, a ocupação da região foi beneficiada no período da mineração, dando início ao **II Ciclo do Ouro**, já que os garimpeiros descobriram grandes aluviões de cassiterita (minério de estanho) em áreas dos antigos seringais, principalmente nas regiões do Rios Machado, Machadinho, Jamari e Candeias. A comercialização do minério fez convergir a atenção de empresas nacionais e internacionais que se instalaram em Porto Velho. À medida que o mercado de trabalho e o fluxo migratório foi se ampliando, exigiu-se “a instalação de uma eficiente estruturação de comunicação e transporte (especialmente uma rede rodoviária para o

escoamento da produção)". (LIMA, 1991, p. 94). Entre 1958 e 1970 toda a economia local se desenvolvia à sombra da exploração de cassiterita.

Em 1970, a garimpagem atingira seu pico, produzindo 4.721 toneladas de minério de estanho. Ao final da década de 70, Rondônia respondia por quase 70% da produção nacional.

Ao lado do fluxo de garimpeiros também acorreram ao Território, migrantes agricultores, e o governo criou novas colônias agrícolas em Porto Velho, implantadas até o final do ano de 1960. Infelizmente essas colônias não prosperaram, quer pela baixa fertilidade dos solos, quer pela impossibilidade de concorrência com o garimpo.

Em 1968, a antiga BR-29, hoje BR-364 foi consolidada, fato que permitiu, a partir de 1970, se iniciasse o **Ciclo Agrícola** do então Território Federal de Rondônia que permanece até os dias de hoje. Com esse fluxo, iniciou-se a ligação econômica da região com os centros consumidores do Sul e Sudeste brasileiros.

A construção da atual Rodovia BR-364 que liga Rondônia a Mato Grosso, e por consequência ao restante do país, deslocou o corredor de exportação e importação da via fluvial Porto Velho-Manaus-Belém. Deixaram essas importantes cidades regionais de ser os únicos polos de ligação econômica para o Território Federal de Rondônia. A rodovia liga Cuiabá a Porto Velho e Rio Branco.

Outro fato importante, além da própria rodovia, foi que a sua construção revelou a existência de terras de "alto teor de fertilidade", ao longo do seu curso, propícias para a agricultura. Essa descoberta coincidiu com a campanha de integração da Amazônia e o fato econômico da liberação de mão de obra agrícola das lavouras do Sudeste que se mecanizavam, gerando pressão social nos centros (metrópoles) urbanos. Antes da sua construção, só se chegava a Porto Velho de ferrovia pela Estrada de Ferro Madeira-Mamoré a partir de Guajará-Mirim, de balsa a partir de Manaus ou de avião. O transporte rodoviário era inexistente e isso era muito limitante.

Vários fatores políticos e econômicos provocaram o grande êxodo rural nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País e a migração para Rondônia. Destacam-se: a introdução de leis trabalhistas no meio rural, responsável pela dispensa de milhares de trabalhadores das fazendas; a substituição da cafeicultura, empregadora de considerável volume de mão de obra no campo pela soja e pecuária de corte, e a mecanização da lavoura que levou milhares de micro, pequenos e médios produtores rurais à falência.

O processo de ocupação humana de Rondônia ligado ao Ciclo da Agricultura foi executado pelo INCRA, inicialmente, através dos Projetos Integrados de Colonização, PIC e dos Projetos de Assentamento Dirigido, PAD, estrategicamente criados para cumprir a política destinada à ocupação da Amazônia rondoniense.

Implantado em terras férteis, na região central de Rondônia, às margens da BR-364, o PIC Ouro Preto, alvo de divulgação oficial em todo o País, principalmente nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, atraiu o mais intenso fluxo migratório dirigido a Rondônia em todos os tempos. A explosão demográfica provocada pela ocupação humana das terras rondonienses, vinculada ao ciclo da agricultura, além de agricultores, constituiu-se de técnicos, comerciantes e profissionais liberais de todas as áreas, em busca de melhores condições de vida. Esses novos povoadores fixaram-se nos núcleos surgidos nas cercanias das estações telegráficas da Comissão Rondon e expandiram suas áreas urbanas.

As áreas onde ocorreram as maiores concentrações de migrantes foram Vilhena, com extensão a Colorado d'Oeste; Cacoal, Rolim de Moura, Ji-Paraná, Ouro Preto d'Oeste, Jaru e Ariquemes. Essa população migrante que se fixou em Rondônia entre 1968 e 1982 era formada, basicamente, por paranaenses, gaúchos, mato-grossenses, capixabas, mineiros e paulistas. Em menor número, fixaram-se cearenses, cariocas, baianos, paraibanos, amazonenses, goianos e alguns estrangeiros. Esses povoadores, atraídos pelo ciclo da agricultura, passaram a influenciar decisivamente na transformação do modelo sócio-econômico de Rondônia e na sua formação política. No período que se estende de 1970 a 2000, o INCRA assentou 68.154 famílias em 120 projetos de colonização.

O ciclo da agricultura em pouco mais de uma década proporcionou ao Território Federal de Rondônia as condições econômicas, sociais e políticas necessárias para que fosse transformado na 23ª Unidade Federada brasileira.

A elevação do Território Federal à categoria de Estado atendia a reivindicação antiga que havia se acentuado na década anterior, diante da intensificação do movimento migratório, tendo como condicionador o eixo da Rodovia BR-364, no trecho Cuiabá-Porto Velho.

As microrregiões formadas pelos municípios de Vilhena, Pimenta Bueno e Rolim de Moura, receberam migrantes mato-grossenses, gaúchos e paranaenses, em sua

maioria. As microrregiões formadas pelos municípios de Cacoal, Presidente Médice e Ji-Paraná, recebem gaúchos, paranaenses, paulistas e nordestinos, em sua maioria. Migrantes capixabas, paranaenses, mineiros e baianos formam a maioria dos que se fixaram nas microrregiões de Ouro Preto, Jaru e Ariquemes.

As regiões de Porto Velho e Guajará-Mirim receberam povoadores, mas em menor escala e de categorias diferentes, considerando-se que o Ciclo da Agricultura atraiu, em princípio, uma migração rural-rural, para, em seguida, fixarem-se migrantes de características rural-urbana.

Resumidamente, tentamos mostrar os movimentos de povoamento do Estado de Rondônia, através de sua ocupação e colonização. O hibridismo vivenciado atualmente em nosso estado o faz ser conhecido como multicultural. Porém, o que o diferencia de tantos outros lugares é que aqui se vive e aprende-se a amar essa terra, apesar das diferenças que um inevitável choque cultural possa causar nas pessoas. Contrariando Rui Barbosa ou Osvaldo Cruz em suas declarações a respeito de Rondônia à época em que viveram, diríamos que Rondônia é um lugar onde se vive, e morre e se recebe pessoas de todos os lugares do mundo.

Depois da estrada de ferro, da borracha e do garimpo, Rondônia viveu um novo ciclo econômico: o **Complexo Hidrelétrico do rio Madeira** que compreende duas usinas hidrelétricas: Santo Antônio e Jirau, ambas no Estado de Rondônia.

Mesmo com as críticas e os movimentos contrários à construção do Complexo Hidrelétrico do Madeira, as Usinas já são uma realidade em Rondônia. A expectativa de crescimento acelerado da economia foi enorme. Diziam que, nos próximos dez anos, a cidade viveria o maior fluxo migratório desde sua criação oficial. A população da época, cerca de 380 mil moradores – dados do Censo 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – deveria aumentar em mais cem mil, número de pessoas que deveriam ser atraídas pelas mudanças econômicas estimuladas pela construção das hidrelétricas. No auge da construção, apenas as obras, falava-se que empregariam cerca de 45 mil pessoas.

Além disso, considerava-se o crescimento do entorno, principalmente o imobiliário: shoppings centers, supermercados, restaurantes, hotéis, casas de diversão etc. Pela quarta vez em sua história, o estado passou por um momento de euforia com a chegada não só do progresso, mas de oportunidades de trabalho para milhares de

peças, com a construção das usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio. Porém, as estatísticas mostraram que o desenvolvimento, que ainda estava começando, poderia piorar os índices sociais da cidade.

Desde 2008, data do início dos projetos, Estima-se que pelo menos 80 mil pessoas chegaram ao estado, atraídas por vagas nos canteiros de obras das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio. A população da cidade cresceu aproximadamente 30%. No entanto, a violência explodiu, o trânsito ficou caótico, os serviços da rede pública ficaram saturados.

Em 2011, Rondônia passa a receber migrantes haitianos

O Haiti é o país mais pobre das Américas e do Caribe, tem cerca de 9 milhões de habitantes e teve sua capital política e econômica, Porto Príncipe, devastada em janeiro de 2010 por um terremoto, provocando a morte de cerca de 200 mil pessoas e desabrigando cerca de 1 milhão. (COTINGUIBA, Geraldo, 2014)<sup>3</sup>

Ainda para o referido autor, “até janeiro de 2014, em Brasileia entraram mais de 18 mil haitianos, enquanto Tabatinga recebeu menos de 10 mil”. (COTINGUIBA, 2014, p. 98)

Mesmo sem números definidos, a migração haitiana em Rondônia merece destaque. Assim como o Exército Brasileiro que se inseriu na história regional desde os tempos em que as terras, hoje, pertencentes a Rondônia fazia parte do Estado de Mato Grosso. “A instalação do 5º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC) em Porto Velho, em 1966, possibilitou a manutenção e a trafegabilidade da BR-364, cujo asfalto só fora inaugurado em meados dos anos 1980”. (TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues, 2015). Portanto, é inegável a participação do exército nos processos migratórios do estado de Rondônia.

Desde o fim do séc. XIX até inícios do século XX há uma grande imigração boliviana para o estado de Rondônia. Esse evento, primeiramente, ligado à exploração de látex, porém, apesar do fim do ciclo da borracha, a imigração continua ocorrendo até os dias atuais pelos mais diferentes fatores.

---

<sup>3</sup> <http://www.amazoniadagente.com.br/cerca-de-5-mil-haitianos-residem-em-porto-velho/>. Acesso em: 04/06/2017

Para complementar nosso estudo sobre a população e a cultura rondoniense, é necessário conhecer, nesses movimentos migratórios, suas principais concepções. Inicialmente, vamos lembrar alguns conceitos muito utilizados, como: migração (todo movimento de população que ocorre no espaço geográfico); migrante (aquele que realiza o movimento de migração); emigração (saída de uma região); Imigração (entrada em uma região). Logo, o que sempre ocorreu aqui em Rondônia foi um movimento de imigração que pode também ser entendido como migração.

Assim, é pertinente dizer que Rondônia é um estado pluricultural porque, desde o início de sua criação até os dias atuais, para cá vêm pessoas das mais diversas regiões do país e do exterior. Sua população, distribuída em 237.576,167Km<sup>2</sup>, conforme dados do IBGE, é híbrida e multiculturalmente diversificada.

No que tange à questão étnica, a população do Estado de Rondônia é semelhante ao restante do país, formada por brancos, negros e índios. Mas em virtude das fases de atração imigratória e migratória, diversos povos deram sua contribuição para o elemento humano rondoniense, cuja identidade estará sempre em formação; o que, entretanto, não permite dizer que não possuímos identidade cultural. Os acontecimentos históricos, sociais e políticos contribuíram para formar o “caldeirão” cultural e étnico que hoje é o estado de Rondônia.

### **Linguagem e Identidade**

Com a finalidade de obter amostra dos “falares’ rondonienses, Teles (2010) entrevistou moradores para a coleta de dados, seguindo-se a metodologia geolinguística recomendada pela equipe do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A autora, juntamente com outros pesquisadores, realizam pesquisa em três grandes regiões de Rondônia, de acordo com as influências recebidas de imigrantes e migrantes em sua colonização: Região Norte, Vale do Guaporé-Mamoré e Cone Sul, de onde foram selecionados 28 pontos de inquéritos (PI) (25 municípios e 3 distritos) dentre os 52 municípios do Estado.

Sendo a população rondoniense uma das mais diversificadas do Brasil, composta principalmente de imigrantes oriundos de todas as regiões do país, preserva ainda os fortes traços amazônicos da população nativa nas cidades banhadas por grandes rios, sobretudo em Porto Velho e Guajará-Mirim, as duas cidades mais antigas do estado. Daí

encontrar em Rondônia a hibridez mais acentuada, visivelmente exposta nos falares e nos costumes diferenciados.

Apesar de ter sido perseguida pela propaganda enganosa, que a vende como produto consumível, Rondônia segue seu curso de desenvolvimento natural; com problemas sociais, estruturais, morais e éticos. Porém, há que se reconhecer sua vocação para acolher os migrantes de todas as partes do mundo e, junto com eles, transformar hibridizando a sua cultura.

As diferentes maneiras pelas quais uma comunidade demonstra e comunica sua cultura são a música, a dança, a literatura e a língua, dentre outras. Esta última aponta a comprovação de que nenhuma cultura é tão exata e definitiva quanto a linguagem. Por isso, já se disse que a língua não informa sobre o mundo, mas informa o mundo. E o mais importante: Não há língua pura. O vocabulário de qualquer língua é resultado de séculos de intercâmbios com outros povos. Querer uma língua pura é como querer uma raça pura. A língua é autorreguladora: aceita e descarta o que lhe é conveniente, ou seja, aquilo que seus falantes aceitam ou dispensam.

A relação a seguir é uma pequena amostra da identidade linguística de Porto Velho, em função de seu processo colonizatório, ou seja, dos migrantes que para cá vieram, da sua condição social, incluindo aí alguns fatores como o grau de escolaridade, o sexo e a idade. Além disso, há que se considerar a dinamicidade social, as influências das novas tecnologias e até algumas questões geográficas como rios, cachoeiras, montanhas, estradas, florestas etc.

Elencaremos os três principais estados que influenciaram na linguagem, na culinária e na cultura de um modo geral em Porto Velho: Amazonas, Ceará e Pará.

**As influências nordestinas:**

Abestado – abobalhado, doido, leso, distraído, bobo, tolo

*Alesado – leso, abobalhado, distraído*

Aperrear – causar problemas, aborrecer

Leso – bobo

Mangar – caçoar

**As influências amazonenses:**

Malinar - fazer maldade

Moco – surdo

Provocar - vomitar

Rangar – comer

Ticar - talhar o peixe

### **As influências paraenses:**

Acocar - abaixar

Curuba – ferida

Ilharga - lado, cadeiras, quadril (do corpo)

Tuíra - pó da pele de quem não toma banho direito ou quando está frio (AMARAL, 2016)

Há, ainda, as expressões que representam tanto as gírias dos jovens, quanto a linguagem dos mais idosos.

É cega - mentira

Jauera - Já Era!

Na pista - só, solteira, disponível

Nem marca – não presta, não tem marca

Piseiro – festa, barca, briga

Tá na faixa – em cima

Telesé? - tu és leso, é?

Vazar – sair correndo

Zé ruela - sujeito besta, prego, zé Mané

Cuida! - anda rápido.

De bubuia - Boiando na água, à toa

Ficar de pano - ficar atento

Ficar nos cascos - estar com raiva

Na manha – devagar.

No doze! – expressão usada para representar a satisfação do usuário. Por exemplo:

Passar o pano – olhar, espiar. (AMARAL, 2016)

Em relação à linguagem, podemos ainda subdividi-la em temas que estão relacionados à diversão e culinária. Por exemplo:

### **Brincadeiras:**

Peteca – bola de gude ou bolita em outras regiões

Abofitar - roubar as petecas e sair correndo

Antes-Fona - antes do último, penúltimo (no jogo de peteca)

Papagaio – pipa ou pandorga em outras regiões

Imbiocar - Inclinar o papagaio para baixo.

Queidar - derrubar ou perder a pipa ou papagaio.

Rabiola - rabo da pipa ou papagaio, que serve para impulsionar e mantê-lo no ar.

### **Culinária:**

Colorau - condimento e colorante de cor vermelha, feito do pó da semente do urucu ou urucum.

Macaxeira - a mandioca doce, não venosa, aipim no Sul

Moquear – assar na brasa, envolta em folha de bananeira.

Pitiú - é o cheiro característico, especialmente dos peixes, mas também em galinhas; significa odor forte  
Tucupi – líquido amarelado, extraído da mandioca. Bastante utilizado no preparo de diversos pratos ou em molhos de pimenta. (AMARAL, 2016)

Assim como a língua, os costumes e as crenças, próprios de uma determinada cultura, passam por um processo de aprendizado, de experiência e de descoberta, permitindo a sobrevivência e a resistência de comunidades na busca pelo empoderamento.

### Considerações Finais

Esses fatos linguísticos, aliados aos aspectos culturais, colocam a população de Rondônia frente a um fenômeno que, mediante a reelaboração simbólica, contribuem para a reprodução ou transformação do sistema social, que é o que chamamos de hibridismo cultural ou interculturalidade. Somos um povo amalgamado no processo constante de contatos étnicos e culturais diversificados, facilmente comprovados pela história de formação do estado.

*Rondônia é tri legal, porreta, bão demais da conta, no 12! Em Porto Velho tem piseiro, pomba lesa e aluá. Em Guajará-Mirim, tomamos tacacá com pipoca, comemos saltenha e massaco. Espalhados por todas as cidades do estado, existem os piás, as gurias, moleques e as tilangas. Nós somos beradeiros, parentes, manos e, por isso, aqui cabe uma ruma de gente, espalhada pelo estado todo: gente que trouxe na bagagem cultural o chimarrão, o pão de queijo, o baião-de-dois, o tereré, a maniçoba, o arroz com pequi, o acarajé, a rapadura e misturou com o tucupi, o açai, o tambaqui e o jaraqui. Hibridizados, somos juntos e misturados. Essa é a nossa identidade. Então, pode chegar mais, maninho, pois a farinha não é pouca, o peixe não tem pitiú e o suco é de cupuaçu.<sup>4</sup>. (AMARAL, 2017)*

Concluimos, reforçando a ideia de que as mudanças são constantes, rápidas e permanentes. As velhas identidades estão sempre em declínio e fazem surgir novas identidades que fragmentam o sujeito moderno. Por isso, não acreditamos que elas (as identidades) sejam outra vez unitárias ou "puras". As tradições evoluem e se

<sup>4</sup> Texto inédito, criado pela autora.

transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva em uma tradução.

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. RJ: Zahar, 2012.
- BHABA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Imigração Haitiana para o Brasil - a relação entre trabalho e processos migratórios*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia–Unir/Porto Velho/RO, 2014.
- FELTRIN, Antonio Efro. **Inclusão Social na Escola – quando a pedagogia se encontra com a diferença**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo: a história de uma estrada de ferro na Amazônia**. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- FLEURI, R. M. **Intercultura e educação** (1.ed.portuguesa). Educação, Sociedade & Culturas. , v.23, p.91 – 124, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- LIMA, Abnael Machado de. **Terras de Rondônia – aspectos físicos e humanos do Estado de Rondônia**. RJ: Gráfica do IBGE, 1991.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Editora Cejup, 1995.
- MATIAS, Francisco. **Pioneiros – ocupação humana e trajetória política de Rondônia**. Porto Velho/RO: Gráfica e Editora Maia Ltda, 1997.
- SILVA, Amizael Gomes da. **Da Chibata ao Inferno**. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.
- TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues e FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional (Rondônia)**. Porto Velho/RO: Rondoniana, 2001.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Fronteiras e bandeiras. a exploração dos sertões do extremo oeste e a construção da identidade nacional nos limites do Guaporé, Mamoré e Madeira**. O Exército Brasileiro nas Terras de Rondon. Raízes Históricas. In: Exército Brasileiro. (Org.). Porto Velho: Imediata, 2015.
- TELES, Iara Maria. **Falares e Aspectos Culturais de Rondônia**. (pesquisa inédita), 2010
- TYLOR, Edward Burnett. *Primitive Culture*. Porto Editora, 2003-2009. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$edward-burnett-tylor](http://www.infopedia.pt/$edward-burnett-tylor). Acessado em 05 set. 2009.

### Sites:

<http://www.amazoniadagente.com.br/cerca-de-5-mil-haitianos-residem-em-porto-velho/>. Acesso em: 04/06/2017  
<[www.almirsurui.com.br](http://www.almirsurui.com.br)>



**Recebido em 20/2/2017. Aceito: 20/6/2017.**

**Sobre a autora e contato:**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (Área de Concentração em Análise do Discurso) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Araraquara. Pós-doutorado na UNICAMP - Faculdade de Educação. Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) lotada no Departamento de Línguas Vernáculas. Docente permanente do PPGE/UNIR. E-mail: nairgurgel@uol.com.br